

Entre-nós – Marilá Dardot

Dardot – *lance de dados*: palavra ensaiada, palavra escrita, palavra plantada, palavra recortada, palavra montada, palavra escondida, palavra jogada, palavra combinada, palavra decifrada, palavra indecifrável. Marilá e o jardim da linguagem. *Alice no país das maravilhas*. Se, para Wittgenstein, sobre aquilo de que não se pode falar, ou seja, que se encontra para além dos limites da linguagem, deve-se calar, Marilá Dardot acende a letra como visão e sensação, corpo e relação – ou seja, a coloca em jogo. Pois se, também de acordo com o filósofo, arte e jogo se irmanam como finalidades em si mesmas, irmanam-se também no imponderável de seus exercícios, naquilo que podem transformar e transmitir nas entrelinhas, nos entre nós, nos elos e nos laços, alinhando gestos, luminosidades, expectativas, olhares, ódios, seduções... Longe da palavra que comunica, em Marilá Dardot, cada letra, cada sílaba – engendrando uma encarnação (um florescimento), um ato matérico – busca seu caminho próprio e único, ofertadas ao tempo e à sorte daqueles que as experimentam, como rota de escape e formação de sentido. *Entre-nós* funciona como o gesto mallarmaniano de Marilá, consciente de que a arte, e aqui evidentemente se inclui a poesia, constitui um dispositivo único, ambíguo, ao mesmo tempo cerrado e passível de abertura, que em si mesmo, em seus próprios gestos e articulações, pode apontar e desenvolver processos de entropia, epifania e autossuperação. Na forma instalativa proposta pela artista, o jogo promovido entre os jogadores é arrumado em telas como em tabuleiros de xadrez ou damas. O tabuleiro se faz vídeo, os vídeos se fazem dados: *Entre-nós* gera uma multiplicidade de camadas, facetas e ações. Circulamos entre as mesas de jogadores como jogadores também, e como peças, uma vez que aquele que assiste faz parte da partida, interferindo em seus processos sutis, e sendo também influenciado, do mesmo modo como acontece com as subpartículas atômicas do universo da física quântica, do qual afinal somos feitos. Rede de signos e significados em rotação, em mútua interatividade, constantemente lançados. Quais, afinal, os limites da linguagem? Como nos *Jogadores de cartas* de Cézanne ou no xadrez de Duchamp, concentrado diante da mulher despida, somos nós, sempre, os objetos, e as letras. A palavra emerge como operação combinatória, estatística, e como possível ato de escrita. Linguagem como modo de desvio e derivação; instrumento de ficção e aparição, que nos forma, nomeia e une: entre-nós.